

RECENSÃO:

VEIGA, Bernardo. *A ética das virtudes segundo Tomás de Aquino*. Campinas. São Paulo: Ecclesiae, 2017. 250p.

Felipe Cardoso de Medeiros

Bacharel em Teologia pelo Centro de Estudos
Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília. E-mail: fecamd@gmail.com

Uma simplificação um tanto vulgar às vezes distancia as pessoas da grandiosidade da obra de Santo Tomás de Aquino. “Um cristianizador de Aristóteles”. Ao soar do seu nome, passam a imaginar os latinismos e a férrea estrutura lógica de seu pensamento, entre uma infinidade de proposições, disputas e questões intermináveis. Além da malquista figura daquilo que é medieval.

Quanto não surpreende encontrar o vivo pensamento de Aristóteles nas letras de Tomás de Aquino. Descobrimos, assim, que o seu pensamento é mais antigo que medieval, remonta até mesmo à antiguidade pré-cristã. Encontramos o bom humanismo da antiguidade, a herança da razão natural dos grandes filósofos do passado.

‘A ética das virtudes segundo Tomás de Aquino’ oferece ao leitor uma aproximação do pensamento de Tomás, direta e rápida, adentrando no universo da ética, sendo especialmente conduzido pelo tema principal das virtudes.

O livro permite desfrutar da redescoberta de Aristóteles por meio de Santo Tomás de Aquino. Filosoficamente, o santo é como um discípulo atento e profundo do pensamento de Aristóteles. É um desfrute voltar-se para a sobriedade dos antigos, a simples profundidade das suas sentenças e a argumentação realista que fazem. Em Aristóteles, como em Tomás, há algo sempre de elementar que talvez hoje nos escape. Elementar não apenas no sentido de “evidente”, mas referindo-se àquilo de mais básico. Se existe

uma dúvida autenticamente filosófica, é bem provável que Aristóteles já a tenha feito. E não apenas a tenha feito, mas tenha respondido com altura e uma intuição natural única. É bem possível que Aristóteles tenha dado indicações lógicas claras e ainda tenha colocado tal pergunta dentro de um tratado orgânico maior em que as partes se unem ao todo.

Talvez seja essa intuição para o elementar a que sentimos tanto falta. As peças não se “encaixam” no pensamento contemporâneo, aliás, são feitas mesmo para não se “encaixarem”, mas para ressaltar o que existe de contraditório sempre. Este caminho que inevitavelmente leva à dissociação, a dissolução do pensamento nós não o encontramos nestes grandes do passado. Eles procuram com ardor a harmonia possível no pensar. E não quer dizer que se recusem mesmo às questões difíceis. Consideram com profundidade a complexidade da realidade, que por vezes é irreduzível a um esquema pré-definido.

É um livro que fala das virtudes em sua acepção humana e ética; teológica e moral. Vale dizer que com ênfase no aspecto ético e humano. Que embora o elemento cristão não se possa separar na visão tomista, o livro ressalta a racionalidade, a ordem, coesão e a fundamentação natural importantíssima, sem a qual não se chega a conhecer bem o pensamento do Doutor Angélico. Há uma apresentação interessante acerca das fronteiras entre a filosofia e a teologia.

Sobre o tema das virtudes, brilha de modo singular o tomista filósofo, comentando, traduzindo, expandindo, aprofundando e, às vezes, até modificando Aristóteles, valendo-se da herança romana e de outros pensadores antigos. Busca também na Sagrada Escritura e nos Padres da Igreja o material de sua argumentação criteriosa. Evidentemente o ponto distintivo, aquele diferencial cristão sempre aparecem obra do Aquinate. As virtudes, ora humanas, encontram um diferencial cristão que lhes dão um sentido novo. Como exemplo, a virtude da fortaleza, virtude essencial do guerreiro, do homem bélico em Aristóteles que o dispõe para a batalha para

não temer a morte, torna-se a virtude dos mártires em seu sentido cristão. É curioso, sempre, poder compreender bem esta transmutação que acontece entre o significado pagão de uma virtude que sem alterar o seu conteúdo essencial é mudada para a realidade cristã.

O autor da obra recenseada vale-se sempre de uma introdução bem clara dos conceitos tomistas fundamentais. Como exemplo, ao início da obra, ele lança mão de uma explanação mais geral sobre o pensamento de Tomás de Aquino, situando, assim, o tema da ética das virtudes na amplitude dos seus tratados. Tais introduções revelam a organicidade maior da filosofia-teologia tomasiana, sendo que facilitam enquadrar cada novo conceito na abrangência da sua visão.

O texto perpassa as virtudes morais, intelectuais e teologais. Partindo das virtudes principais às subordinadas, os vícios, as implicações relevantes que envolvem a prática de cada virtude, as paixões etc. Esquemáticamente começa por falar da vida ativa (ênfase nas virtudes morais) e por fim fala da vida contemplativa com ênfase nas virtudes intelectuais, à exceção da prudência tratada na já vida ativa. Por fim, acaba tratando das virtudes teologais e o estado perfeito de vida.

É também valioso o recurso do comentário de autores atuais, deixando de lado questões mais complexas e especializadas de crítica textual e traduções. Quem conhece o universo tomista sabe que ele pode ser bem extenso, se considerarmos além do tamanho da obra o volume de comentário existente. Assim, o autor foca nas contribuições mais positivas que enriquecem e facilitam a leitura. As notas de rodapé sempre complementam bem e explicam o conteúdo sublinhado. Como resultado, há um bom corolário de comentadores que atualizam de certa forma a perenidade da obra tomista.

Outro recurso muito valioso é a apresentação em quadros esquemáticos que tabelam os conceitos importantes, o que permite uma visualização didática do conteúdo.

Um livro valioso em língua portuguesa, útil tanto para estudantes de teologia como de filosofia que procurem um caminho rápido e objetivo para as *summas*. É fruto da tese doutoral do autor transformada em livro mais acessível a um público maior. Pela qualidade das introduções, é um livro que não precisa ficar restrito a estudantes de filosofia e teologia em geral. Abre-se a possibilidade para um público maior, para todos que tenham interesse no campo da ética em geral, o que, por extensão, envolve, sem dúvida, todas as disciplinas humanas.

Vale, enfim, pela redescoberta do patrimônio tomista especialmente incentivado nos âmbitos de formação presbiteral. O Magistério reiteradas vezes reafirma a importância e a validade da *philosophia perennis*. Embora novas filosofias e novas linhas da teologia apareçam e se desenvolvam, não se deve abandonar a solidez da obra tomista. Há sempre certo risco de se deixar de lado em favor das “novidades” os bons tratados de antigamente. Há que se pensar que, não importa qual seja o caminho a ser tomado, é bem provável que alguém já o tenha percorrido. É sempre bom consultar nas grandes *summas* o que diziam os antigos. Talvez alguém conheça bem as indicações que procuramos. Seria no mínimo presunçoso negar a ajuda das boas referências do passado.